

ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

Cap Inf IULLY CEZAR DE OLIVEIRA

**O RELATÓRIO DE PATRULHA COMO BASE DO SIEx: UM ESTUDO
SOBRE A IMPORTÂNCIA DO RELATÓRIO DE PATRULHA DE
RECONHECIMENTO PARA O SIEx**

Rio de Janeiro

2022

Cap Inf IULLY CEZAR DE OLIVEIRA

**O RELATÓRIO DE PATRULHA COMO BASE DO SIEx: UM ESTUDO
SOBRE A IMPORTÂNCIA DO RELATÓRIO DE PATRULHA DE
RECONHECIMENTO PARA O SIEx**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Escola de Aperfeiçoamento
de Oficiais como requisito parcial para a
obtenção do grau especialização em
Ciências Militares.

Orientador: Cap Inf LOBATO

Rio de Janeiro

2022

Cap Inf IULLY CEZAR DE OLIVEIRA

**O RELATÓRIO DE PATRULHA COMO BASE DO SIEx: UM ESTUDO
SOBRE A IMPORTÂNCIA DO RELATÓRIO DE PATRULHA DE
RECONHECIMENTO PARA O SIEx**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Escola de Aperfeiçoamento
de Oficiais como requisito parcial para a
obtenção do grau de especialização em
Ciências Militares.

Aprovado em ____/____/____

COMISSÃO DE AVALIAÇÃO

VINICIUS VALVERDE ANDRIES – Maj
Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais do Exército
Presidente

RICARDO DE MORAES RAMOS LOBATO – Cap
Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais do Exército
Membro

ANDRÉ WERNECK SERENO CARVALHO – Cap
Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais do Exército
Membro

SUMÁRIO

1.1 PROBLEMA.....	6
1.1.1 Antecedentes do Problema.....	6
1.1.2 Formulação do Problema.....	7
1.2 OBJETIVOS.....	8
1.2.1 Objetivo Geral	8
1.2.2 Objetivos Específicos.....	9
1.3 QUESTÕES DE ESTUDO.....	9
1.4 JUSTIFICATIVA	10
2. REFERENCIAL TEÓRICO	11
2.1 INTELIGÊNCIA MILITAR.....	11
2.2 O PELOTÃO ESPECIAL DE FRONTEIRA E A INTELIGÊNCIA MILITAR .	13
2.3 O TRÁFICO DE DROGAS NO BRASIL.....	14
2.4 FRONTEIRA OESTE	16
2.5 A FRONTEIRA ENTRE ESTADOS UNIDOS E MÉXICO	18
2.6 A INTELIGÊNCIA MILITAR NO COMBATE AO TERRORISMO	20
2.7 A INTELIGÊNCIA MILITAR NA ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS.	20
2.8 O SISTEMA INTEGRADO DE MONITORAMENTO DE FRONTEIRA	22
3. METODOLOGIA	24
3.1 OBJETO FORMAL DE ESTUDO	24
3.2 AMOSTRA	24
3.3 DELINEAMENTO DE PESQUISA	24
3.4 PROCEDIMENTOS PARA REVISÃO DE LITERATURA	25
3.5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	25
3.6 INSTRUMENTOS	25
3.7 ANÁLISE DE DADOS	26
4. RESULTADOS.....	27
5. DISCUSSÃO DE RESULTADOS	35
6. CONCLUSÃO	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36
APÊNDICE A – Questionários aos Cmt e Ex-Cmt PEF	38
APÊNDICE B – Proposta de Matéria de Inteligência Militar para o PP CTTEP PEF	42

RESUMO

O presente estudo procura diagnosticar a influência da matéria Inteligência Militar na qualidade da coleta de dados e dos relatórios de patrulha coletados e elaborados nos Pelotões de Especiais de Fronteira da 13ª Brigada de Infantaria Motorizada. A Inteligência Militar tem sido uma questão de sucesso ou fracasso em missões ao redor do mundo desde o início dos conflitos, mas ainda assim, por vezes segue sendo subestimada e renegada a segundo plano, na vigilância das áreas fronteiriças a Inteligência Militar também deve receber especial atenção, deve ser considerada como fator de sucesso para o controle dos ilícitos e proteção dos perímetros nacionais. Este trabalho surge como uma proposta de priorizar a matéria Inteligência Militar no preparo dos militares para cumprirem missão nos nossos PEF da fronteira oeste. Para atingir este objetivo, foram selecionados comandantes de PEF, atuais e passados, para responderem a um questionário, para fornecer subsídio que nos ajude a diagnosticar a dificuldade sentida por eles durante patrulhas de reconhecimento e poder propor essa matéria para melhor preparar nossos militares nessa nobre e distinta missão de vigilância e proteção da nossa faixa de fronteira.

Palavras-chave: Inteligência Militar, Pelotão Especial de Fronteira, Patrulha de Reconhecimento, Fronteira Oeste

ABSTRACT

The present study seeks to diagnose the influence of Military Intelligence about the quality of data collection collected and patrol report elaborated on the Border Special Squads of the 13th Motorized Infantry Brigade. Military Intelligence has been a matter of success or failure in missions around the world since the beginning of the conflicts, but even so, sometimes it continues to be underestimated and relegated to the background, in the surveillance of border areas, Military Intelligence must also receive special attention. attention, must be considered as a success factor for the control of illicit and protection of national perimeters. This work arises as a proposal to prioritize the Military Intelligence matter in the preparation of the military to fulfill a mission in our PEF on the western border. To achieve this objective, current and past PEF commanders were selected to answer a questionnaire, to provide support that helps us diagnose the difficulty felt by them during reconnaissance patrols and to be able to propose this matter to better prepare our military in this noble and distinct mission of surveillance and protection of our border strip.

Keywords: Military Intelligence, Border Special Squads, Reconnaissance patrol, Western Border

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Apreensões de drogas por região e por país	16
FIGURA 2 – Questão conhecimento Cmt PEF em SIEx	26
FIGURA 3 – Questão preparo Cmt PEF em levantamento de dados	27
FIGURA 4 – Questão conhecimento dos subordinados em SIEx	27
FIGURA 5 – Questão conhecimento dos subordinados em levantamento de dados....	28
FIGURA 6 – Questão influência da IM na confecção de relatórios	29
FIGURA 7 – Questão influência das instruções de IM no desempenho	29

1. INTRODUÇÃO

A atividade de Inteligência, já foi delegada a segundo plano em Operações anteriores, até que foi percebida a sua importância para o sucesso das missões. Os países, ou organizações que não deram a essa atividade a devida importância acabaram por enfrentar diversos problemas, mas perceberam profundas mudanças à medida que os trabalhos de inteligência foram ganhando volume, perceberam uma melhor consciência situacional do comandante, conseguiram prever acontecimentos, localizar Agentes Perturbadores da Ordem, terroristas e Organizações Criminosas, bem como prever acontecimentos que seriam o clímax de Operações.

Devida à importância de tal atividade, o Brasil vem dando a atenção necessária à essa atividade e realizando melhorias nos processos e aquisição de materiais de monitoramento, mas capacitar os militares que vivem e trabalham diuturnamente é fundamental, correndo o risco de sofrermos ou nem mesmo atingir nossos objetivos na proteção da nossa imensa fronteira com 10 países vizinhos. Nesse quesito, o preparo dos nossos militares deve ser uma prioridade e precisamos de sensores de inteligência, militares que conhecem a atividade de inteligência e capaz de adquirir dados que nossos radares, câmeras e drones são incapazes.

1.1 PROBLEMA

Para o correto entendimento do escopo do trabalho, buscou-se determinar clara e objetivamente o problema resultante da falta de instruções da matéria Inteligência Militar e sobre o Sistema de Inteligência do Exército (SIEx) para os militares do Efetivo Profissional que se preparam ou fazer parte do contingente dos Pelotões Especiais de Fronteira, tendo consequências na qualidade dos relatórios de patrulha e retroalimentação do Ciclo de Produção de Dados do SIEx.

1.1.1 Antecedentes do Problema

Brasil e Bolívia disputam o território do Rio Guaporé desde o século XVIII, quando a colônia espanhola lançou mão de missões Jesuítas na colonização da área, e a colônia portuguesa lançou entidades oficiais da Coroa para fundarem cidades para a colonização e respectiva disputa com o país vizinho, dando uma conclusão ao tratado de Madrid e definindo a Fronteira. Os atritos fronteiriços perduraram por bastante tempo, chegando até o ano de 1898, quando verificou-se que a área que hoje é o estado do Acre, por uma falha de delimitação, como cita o Capitão-tenente Cunha Gomes, em relatório em 1899 “(...) e ao mesmo tempo demonstraram que se havia atingido as suas nascentes, com diferenças de algumas milhas, que computámos em oito milhas – mais ou menos”, deveria pertencer à Bolívia, mas a grande presença de brasileiros na área, que se negavam a responder pelo país vizinho, iniciaram revoltas para que a área pertencesse ao Brasil. Concluímos assim, que essa região desperta atritos históricos, merecendo ser alvo de ações visando a sua segurança e vigilância.

Além da questão da disputa territorial, a Bolívia é reconhecida como um dos países com maior plantação de coca, bem como grande produtora de pasta base de cocaína, porém não se encontra em uma região com saída para o mar que facilite o tráfico para a Europa e África, principais destinos da droga boliviana, como descrito pela *United Nations Office on Drugs and Crimes* (*escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crimes*) no seu relatório sobre criminalidade e tráfico de drogas, do ano de 2021.

1.1.2 Formulação do Problema

Quando falamos da faixa de fronteira, devemos lembrar de conceitos importantes do Sistema de Inteligência do Exército (SIEEx), presentes no Manual de Inteligência, tais como: “Todo militar é, assim, um meio de obtenção de dados em potencial.” (BRASIL, 2015). O que nos leva a conclusão de que todo militar é um sensor de inteligência, capaz de coletar dados, que serão processados e transformados em conhecimento de inteligência.

O soldado mato-grossense tem suas falhas nos processos de inteligência, falhando na coleta de dados para alimentar o ciclo de inteligência, bem como tem falhas no processo como um todo, com relatórios contendo dados de inteligência que são arquivados e tem os dados não entram no SIEx, sem chegar ao BIM ou ao CIE. Ficando assim os questionamentos: introduzir instruções de Inteligência, ambientando o soldado sobre como funciona o SIEx e a importância da coleta de dados, melhoraria nossos sensores de inteligência presentes da fronteira oeste?

Fronteiras entre países costumam ser problemáticas, comumente são locais que reúnem altos índices de crimes transfronteiriços, o que traz outros problemas sociais aos municípios localizados na faixa de fronteira, com isso a preocupação com a segurança e proteção das nossas fronteiras deve ser uma constante. Para que tenhamos uma vigilância constante e completa, medidas de vigilância eletrônica, por radares e por sensores humanos devem atuar de forma complementar.

1.2 OBJETIVOS

Na presente pesquisa, vamos tentar fazer um paralelo entre as frações de fronteira da Amazônia com as frações do CMO, mais particularmente do Mato Grosso, para adaptar procedimentos e propor um caminho para os relatórios de patrulha, bem como, propor tarefas para serem inclusas no Programa Padrão de Instrução de Capacitação Técnica e Tática do Efetivo Profissional do Pelotão Especial de Fronteira (PEF), dentro da matéria Inteligência.

1.2.1 Objetivo Geral

Propor melhorias no processo de alimentação do SIEx, por parte dos PEF do CFron Jauru/66°BI Mtz, na fronteira da Bolívia com o Brasil, no estado do Mato Grosso.

1.2.2 Objetivos Específicos

Com a finalidade de delimitar e auxiliar o desfecho deste trabalho, foram elencados objetivos específicos, que serão degraus que permitiram a consecução do objetivo final do trabalho, esses objetivos estão descritos a seguir:

- Identificar o caminho percorrido pelos relatórios de patrulha dos PEF mato-grossense;
- Analisar a forma como são colhidos os dados incluídos nos relatórios de Patrulha;
- Identificar objetivos para serem inclusos no PPI de CTTEP do PEF;

1.3 QUESTÕES DE ESTUDO

Este trabalho irá estudar a organização do Comando Militar do Oeste no tocante ao emprego dos seus pelotões de fronteira, com foco na Inteligência Militar, partindo do pressuposto que as praças têm papel importantíssimo como sensores de inteligência, mas que lhes falta conhecimento sobre tal matéria. Dessa forma será estudado a organização dos Pelotões Especiais de Fronteira, será discutido com militares especialistas e com vasta experiência sobre a importância do conhecimento do Sistema de Inteligência do Exército para as praças e analisado se tal conhecimento seria primordial para que a missão fosse mais bem cumprida.

Neste trabalho será feito um diagnóstico dos processos de inteligência dos Pelotões Especiais de Fronteira do Comando Militar do Oeste, delimitando à fronteira do Mato Grosso com a Bolívia e será feita uma comparação com os processos do Comando Militar da Amazônia, para assim verificar se existe uma possibilidade de melhorias nos processos. Assim sendo, as questões que este trabalho irá tentar responder são:

- As praças que servem em Pelotões Especiais de Fronteira, do C Fron JAURU/66º BI Mtz tem conhecimento adequado para serem sensores de inteligência e coletarem dados de qualidade para o SIEx?

- Qual matéria e quais objetivos específicos poderiam ser incluídos no Programa Padrão de Preparo do soldado para o PEF?
- Qual o nível de importância da Função de Combate Inteligência no combate moderno e na vigilância das fronteiras de uma nação?
- Qual impacto a falta de instruções sobre Inteligência Militar tem sobre a retroalimentação do Ciclo de Produção de Dados para o SIEx?

1.4 JUSTIFICATIVA

Naturalmente a população se concentra nos grandes centros, áreas bem desenvolvidas e com boa qualidade de vida, deixando assim a nossa faixa de fronteira com um relativo vazio demográfico, da mesma forma, a presença do estado também se faz mais ausente, a fiscalização na fronteira se encontra num estado deficiente e os crimes transfronteiriços ocorrem com mais frequência. Da mesma forma, ausência de estado na faixa de fronteira pode ser uma vulnerabilidade para a nação, em caso de estado de tensão com uma nação vizinha. Dessa forma cresce de importância que medidas de fiscalização e controle sejam tomadas, desde a mais básica presença militar até os mais avançados meios de radares e sensores em operação. Mas só a presença militar é algo muito simplório e subempregado, com essa presença na fronteira temos sensores críticos e de alta mobilidade, que necessitam de algum nível de profissionalismo e adestramento, nesse contexto entra a necessidade de conhecimentos básicos de inteligência militar para que esses sensores de fonte humana tenham capacidade técnica de exercerem seu papel como base de um sistema de inteligência operante e compatível com a nação que temos.

Na Província do Mato Grosso, à exceção do Município de Paranaíba, localizado na divisa entre o atual Mato Grosso do Sul, Goiás e Minas Gerais, todos os outros municípios criados durante o Império formavam uma malha contínua localizada nas margens do rio Uruguai e seus afluentes, na altura do atual Município de Corumbá. Entretanto, o reduzido número de municípios e sua concentração em pontos específicos caracterizavam essa região como um vazio em termos de municipalidades.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 INTELIGÊNCIA MILITAR

Iniciemos abordando uma ideia extraída do prefácio do Manual EB10-MF-10.107 Inteligência Militar Terrestre, o qual nos traz que “toda publicação doutrinária e particularmente a inteligência necessita de uma permanente atualização, em virtude das mudanças na natureza dos conflitos (...)”(BRASIL, 2015). Diante disso traremos uma sugestão de atualização de procedimentos adotados na fronteira Oeste, particularmente a fronteira Brasil-Bolívia, no estado do Mato Grosso, fronteira que contém uma quantidade considerável de frações de combate de fronteira, em ambos os lados da fronteira.

Ainda de acordo com o Manual de Inteligência Militar Terrestre podemos extrair uma ideia chave da importância da atividade de Inteligência nos confrontos, principalmente os de amplo espectro, nos quais a velocidade de evolução da situação e a quantidade de elementos presentes nas operações, sejam elas de guerra ou não guerra, tornam vital a atualização constante do Estudo de Situação de Inteligência, vejamos o que diz esse manual militar

A necessidade de atuar no Amplo Espectro dos conflitos demanda que os decisores da F Ter, em todos os níveis, possam compreender como agem as forças presentes, o terreno onde provavelmente irão conduzir as operações e os efeitos que as condições meteorológicas e outros fatores exercerão sobre elas. Esses aspectos, a serem analisados de forma permanente e disponibilizados com oportunidade, constituem o farol da Inteligência Militar Terrestre.

(BRASIL, 2015, p.1)

O próprio manual de inteligência Militar Terrestre já nos traz uma vaga ideia dos sensores de inteligência e do Sistema de Inteligência ao dizer que

Sobre a Inteligência Militar, foi descrita a busca permanente pela redução do grau de incerteza existente nos diversos ambientes operacionais. Para isso, é fundamental a análise e integração dos dados obtidos pelos diversos sensores. A identificação das ameaças e oportunidades é o primeiro dos resultados que a IM deve fornecer aos comandantes. Aqui, a Função de Combate Inteligência é apresentada e são definidos os seus diversos níveis.

(BRASIL, 2015, p.14)

Apesar de não fazer a definição do que é o sensor de inteligência, o Manual de Inteligência Militar Terrestre aborda a importância que o sensor tem para o ciclo de inteligência, por ele ser o elemento primário, sendo uma peça fundamental nesse processo, estando incluído na fase de obtenção:

O Ciclo de Inteligência apresenta a sequência de trabalho concebida com a finalidade de dar maior credibilidade aos conhecimentos produzidos. Para facilitar o entendimento do ciclo, foi incluída a fase de obtenção. É a fase crítica na qual os sensores obtêm os dados que serão processados, analisados e, por fim, difundidos aos comandantes e seus estados-maiores, conforme as orientações estabelecidas.

(BRASIL, 2015, p.14)

Importante ressaltar como funciona o Ciclo de Inteligência, para termos um panorama geral e assim poder descrever a função de cada elemento dentro do ciclo. No ciclo de Inteligência, o início se dá na fase de orientação na qual acontece o planejamento necessário para a obtenção dos dados, seguindo para a fase de obtenção, na qual o sensor capta os dados e encaminha para os órgãos de análise, em seguida segue para a fase da produção, onde o dado é processado e transformado em conhecimento de inteligência, e por último, fechando o ciclo tem-se a fase de difusão, fazendo todos os interessados terem conhecimento para que se retome o ciclo, com novo planejamento, em cima dos conhecimentos obtidos e obtendo novos dados, para novos conhecimentos.

Na fase de Produção, no ciclo de inteligência é empregado o Exame de Situação de Inteligência (Exm Sit Intlg), sendo indispensável em processo decisório, analisando mais no detalhe as fases do Exm Sit Intlg, vemos a importância de se ter uma grande quantidade de dados, visto que temos vários processos e fases a analisar, e que darão ao nosso comandante consciência situacional para que possa decidir com precisão e objetividade.

O Exame de Situação de Inteligência (Exm Sit Intlg) é parte fundamental em qualquer processo decisório. Em operações militares, a sua condução é caracterizada pela execução de tarefas relativas à integração do Terreno – Condições Meteorológicas – Inimigo – Considerações Civis, conhecida pela sigla PITCIC.

(BRASIL, 2016, p.17)

Voltando nossas atenções à inteligência, vemos o principal objetivo dessa função de combate, que é fornecer ao comandante a consciência situacional, fundamental no processo decisório. Sendo fundamental que os conhecimentos de inteligência cheguem a todos os níveis de comando quanto necessários, a

informação de inteligência deve chegar a toda a cadeia de comando, para que todos os nossos comandantes possam ter uma boa consciência situacional.

Especificamente, a inteligência apóia comandantes e equipes, facilitando entendimentos situacionais em todos os domínios e no ambiente de informações. Comandantes e equipes usam entendimentos situacionais para identificar e explorar janelas de oportunidade de vários domínios e para alcançar e explorar posições de vantagem relativa.

(DEPARTMENT OF THE ARMY, 2019, tradução nossa)

Lembrando que, além de chegar a todos os escalões, a atividade de inteligência é algo contínuo, devendo se manter sempre pronta para receber e analisar novos dados e realimentar o ciclo de inteligência.

Ao longo da história moderna, a inteligência foi e continua sendo uma parte inerente das operações militares. Desde os níveis nacional e do Departamento de Defesa (DOD) até o nível do batalhão do Exército, a inteligência é uma atividade que nunca para.

(DEPARTMENT OF THE ARMY, 2019, tradução nossa)

2.2 O PELOTÃO ESPECIAL DE FRONTEIRA E A INTELIGÊNCIA MILITAR

Já quando falamos a respeito dos Pelotões Especiais de Fronteira (PEF), vemos que “os PEF sempre serão a primeira tropa em contato com ameaças externas ao país. No mínimo, servirão como fonte humana de inteligência para o seu escalão superior mais interiorizado.” (DE MORAES, 2021). Afirmando a importância dos PEF para a Função de Combate Inteligência (F Cmb Intlg).

DE MORAES ainda ressalta que “Os Pelotões Especiais de Fronteira alcançam a extremidade territorial brasileira no Norte e Oeste amazônico. Muitas vezes, são a presença do Estado em determinada área que, não fosse a sua existência, estaria desassistida da proteção do Estado.” Lembrando que nessas áreas, por não haver outra presença do Estado, o PEF é o único sensor de inteligência presente, sendo a única peça capaz de captar os dados e repassar para os órgãos de análise.

No contexto da importância estratégica dos PEF cabe ressaltar que esses são a primeira barreira e os olhos da nação no combate a diversos óbices transfronteiriços, tais como ressalta DE MORAES:

As fronteiras terrestres do Brasil, particularmente aquelas onde se localizam os PEF, apresentam diversas ameaças internas e transnacionais que comprometem a segurança e a soberania nacional. Dentre esses óbices, cabe destacar o narcotráfico, as ações de

facções criminosas, a instabilidade dos países limítrofes, o contrabando, o descaminho, o tráfico de armas e de seres humanos, a imigração ilegal, a presença de grupos paramilitares e de guerrilha, o garimpo ilegal, a ação de Organizações Não Governamentais (ONG), os crimes ambientais e a biopirataria.

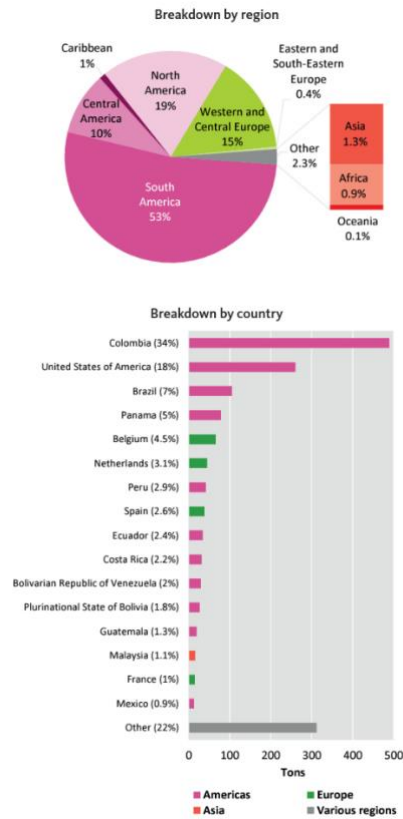
(DE MORAES, 2021)

De Souza em seu trabalho aborda algumas questões a respeito da atuação dos PEF no ramo da Inteligência, ao fazer uma ambientação a respeito das considerações civis aborda que “quanto aos crimes que ocorrem na faixa de fronteira, o primeiro a ser destacado é o narcotráfico (...)” (DE SOUZA, 2019), e ele ainda destaca os crimes ambientais ao dizer que “Além do tráfico de drogas, outro crime que deve ser destacado é aquele contra o meio ambiente.(...)o desmatamento e o garimpo ilegal ainda são os principais crimes ambientais combatidos pelo Exército na faixa de fronteira.” (DE SOUZA, 2019).

Tudo isso ressalta a função primordial desempenhada pelos militares na faixa de fronteira, sendo o monitoramento físico em tempo real, além de primeira barreira para filtrar a entrada e o acontecimento desses ilícitos.

2.3 TRÁFICO DE DROGAS NO BRASIL

Para entender a atuação do Exército na faixa de fronteira, no que diz respeito ao combate à criminalidade, temos que fazer um estudo geopolítico da América do Sul e entendermos o que nossos países vizinhos estão produzindo e por onde estão passando. De acordo com a *United Nations Office on Drug and Crimes* (UNODC), a América do Sul é o continente que mais tem apreensão de drogas no mundo, com 53% das apreensões mundiais



(Figura 1 – Apreensões por região e por país)
(UNODC, 2021)

Ao analisarmos a América do Sul, no tocante à produção, transporte e comercialização de cocaína, verificamos que o Brasil não tem relatos de produção dessa droga, porém é uma importante estrada para a cocaína produzida na Colômbia chegar até a Europa, fazendo do Brasil um dos principais portos para a exportação de drogas para a Europa.

Embora a maior parte da cocaína traficada para a Europa continue sendo originária e partindo da Colômbia, o Brasil é cada vez mais relatado como um país de trânsito de onde os embarques de cocaína partem para a Europa. O país de origem, partida e trânsito mais frequentemente relatado para remessas para a Europa Ocidental e Central no período de 2015 a 2019 foi a Colômbia, seguido pelo Brasil e Equador; entre 2010 e 2014, a lista foi encabeçada pela Colômbia, seguida pelo Peru e depois pelo Brasil.

(UNODC, 2021, tradução nossa)

Quando falamos de exportação para a Ásia a situação é ainda mais constrangedora, pois o Brasil se consagra como o principal porto de saída de cocaína para os países asiáticos. Uma vez que não temos produção dessa droga

no nosso país, significa que ela entra no Brasil por meio de algum país vizinho e atravessa da fronteira oeste até o litoral.

Os países de origem, saída e trânsito mais relatados de remessas de cocaína para países da Ásia no período 2015-2019 foram o Brasil, seguido pelos Emirados Árabes Unidos, Colômbia, Nigéria, Catar, Peru, África do Sul, Estado Plurinacional da Bolívia, Holanda, Etiópia, República Islâmica do Irã e Estados Unidos.

(UNODC, 2021, tradução nossa)

2.4 FRONTEIRA OESTE

Apresentando uma visão geográfica sobre a fronteira entre Brasil e Bolívia, no estado do Mato Grosso vemos que possui grande extensão territorial, com a maior parte de fronteira seca.

No que tange ao espaço de fronteira com o Estado de Mato Grosso, destacamos que há uma extensão geográfica de 980 km, sendo 750 km de limite seco e 230 km de limite aquático. 7 Nessa região, Mato Grosso possui 27 (vinte e sete) municípios na faixa de fronteira.

(MENESES, 2010)

Essa fronteira seca permite a criação de rotas alternativas para a passagem de material ilícito, inclusive por dentro de fazendas e matas. Essas estradas secundárias dificultam o controle e isso faz com que grandes quantidades de entorpecentes entrem no território nacional, bem como facilita a saída de veículos roubados, furtados ou frutos de golpes de seguro. (MENESES, 2010)

Sobre o tráfico de drogas e sua entrada no país, destacamos que com o aumento gradual do consumo no mundo, o efeito da globalização chegou também à essa questão, deixando de ser um problema local e passando a ser um problema nacional, com toda uma cadeia logística influenciando vários locais e com o problema em uma região influenciando problemas em outra região.

Há muito tempo, o tráfico de entorpecentes deixou de ser somente um problema local, e passou a ser também um problema

internacional, principalmente nas regiões fronteiriças. E isso faz com que o país, os Estados e os Municípios travem uma luta permanente contra o crime organizado, porém as dimensões do território brasileiro acabam por dificultar o trabalho na luta contra as drogas. Grande parte das substâncias entorpecentes que entram no país, são oriundas ou chegam até o Brasil, através das regiões de fronteira, ou seja, através dos 10 países da América do Sul. E o que complica ainda mais a situação, é que grande parte desta faixa fica distante das capitais e outros grandes centros urbanos, onde os serviços são geralmente melhores.

(MENESES, 2010)

Sobre as consequências dessa passagem de drogas para o crime organizado pelo país, sem dúvidas temos um impacto muito grande na porta de entrada, o estado que dá entrada a esses ilícitos é amplamente afetado, tendo impacto junto à população local, com aumento no índice de crimes na região, no comércio e no trabalho da alfandega, sem contar o óbvio, na qualidade de vida.

A incidência dos ilícitos transnacionais na faixa de fronteira entre o Mato Grosso e a Bolívia é uma área que reúne diversas problemáticas como: o tratamento da alfândega nas questões de comércio, principalmente, com o pequeno empreendedor, segurança e a qualidade de vida da população local. O foco desse trabalho baseia-se nos ilícitos transnacionais, que influenciam diretamente na problemática da segurança e da qualidade de vida.

(MARTINS, 2019)

O combate aos ilícitos transfronteiriços acontece prioritariamente com o trabalho do exército, porém normalmente ocorre o apoio com o trabalho da Polícia Militar, que no caso do Mato Grosso, destacou um grupamento especializado para o trabalho na faixa de fronteira, o Grupo Especial de Fronteira do Mato Grosso (GEFRON), militares especializados em patrulhar as fronteiras e auxiliar a cobrir toda a extensão dos mais de 900km da fronteira da Bolívia com o Mato Grosso.

O GEFRON tem a missão de apoiar os órgãos federais responsáveis pela segurança na fronteira do Brasil com a Bolívia dentro do Estado de Mato Grosso, desencadeando na região, operações sistemáticas de prevenção e repressão ao tráfico de drogas, contrabando e descaminho de bens e valores, roubo e furto de veículos e invasões de propriedades.

(MARTINS APUD GOVERNO DO MATO GROSSO, 2019)

Nesse contexto de Operações de Coordenação e Cooperação com Agências (OCCA), a comunicação e o compartilhamento de informações é fundamental para o êxito da missão, conseguimos ter mais sensores para colher

dados que serão utilizados no mapeamento do crime organizado, que auxiliará os próprios militares que estão na fronteira, porém, normalmente essa comunicação é informal e acaba nem saindo da agência de inteligência nível A para a agência nível B, ficando á sombra do Sistema de Inteligência do Exército

Nesse contexto, o compartilhamento de informações entre o Exército Brasileiro e as Agências garante o sucesso nas operações militares de combate a ilícitos transnacionais, uma vez que considera-se a comunicação como um dos fatores para o êxito das operações interagências. No caso em estudo, o compartilhamento de informações entre o 2º Batalhão de Fronteira, GEFRON e PM MT acontece de maneira informal coordenado pelo Oficial de Inteligência da Unidade, principalmente durante operações militares desenvolvidas ao longo do ano.

(MARTINS, 2019)

2.5 A FRONTEIRA ENTRE ESTADOS UNIDOS E MÉXICO

Os Estados Unidos da América (EUA) necessitaram de um evento traumático para dar mais atenção às suas fronteiras, depois do ataque terrorista do 11 de setembro de 2001, criaram o Departamento de Segurança Interna para aumentar a segurança nas fronteiras e integrar elementos de inteligência para uma proteção mais efetiva.

O recém-formado departamento de segurança interna (DHS) organizou medidas de segurança nas fronteiras para prender terroristas que tentavam entrar nos Estados Unidos, integrar fontes de inteligência para diminuir as capacidades de organizações criminosas transnacionais (TCO) e impedir o transporte de contrabando de e para os Estados Unidos. O DHS agora é desafiado a gerenciar o grande volume de pessoas, bens e serviços legítimos que cruzam as fronteiras diariamente, evitando que indivíduos e organizações com intenções maliciosas entrem nos Estados Unidos.

(CHAMBERS, 2013, tradução nossa)

Cabe ressaltar a importância da integração dos diversos meios que temos à nossa disposição, os Estados Unidos, país que tem imensa preocupação com a proteção das suas fronteiras, eles se utilizam diversos meios de vigilância para terem essa segurança das fronteiras de forma integrada e eficiente.

Os recursos militares atualmente utilizados em apoio a várias missões de apoio civil incluem equipamentos de

inteligência/vigilância/reconhecimento (ISR), meios de comunicação, meios logísticos, meios de aviação e pessoal. Durante a condução de duas guerras terrestres recentes, o Departamento de Defesa (DOD) adquiriu a capacidade de operar em um ambiente conjunto e interagências sob condições austeras – o que é mais do que propício para operações domésticas de fronteira terrestre. Historicamente, as autoridades civis identificaram a necessidade de utilizar recursos militares ao longo das fronteiras terrestres dos Estados Unidos. Um papel militar expandido só pode melhorar a capacidade das autoridades civis de proteger as fronteiras terrestres dos EUA.

(CHAMBERS, 2013, tradução nossa)

Cabe ressaltar que os países da América do Norte entenderam dos benefícios da fiscalização e vigilância em conjunto, após os eventos do 11 de setembro, Canadá e México se uniram aos EUA e criaram acordos de fronteira inteligente (*Smart Border Agreement*). Por parte do Canadá, houve participação com o pouso de diversos voos comerciais que circulavam a região norte dos Estados Unidos (BENITES - RODRIGUES, 2006), por parte do México houveram diversas medidas de fiscalização e controle, principalmente com a proteção de estruturas estratégicas vitais, como as estruturas petrolíferas, construção de um cinturão aéreo e implementação da Operação Sentinela, com a transferência de milhares de militares das Forças Armadas para a proteção da fronteira.

Como medida adicional, México protegeu as instalações estratégicas vitais, principalmente as petrolíferas no golfo do México, e construíram um cinturão de segurança aérea. As Forças Armadas mexicanas implementaram imediatamente a operação Sentinela, incorporando a ela 18.000 integrantes das Forças Armadas.

(BENITES - RODRIGUES APUD VEGA, 2003, tradução nossa)

2.6.A INTELIGÊNCIA MILITAR NO COMBATE AO TERRORISMO

Ainda sobre a importância da Inteligência para o combate, relatos de missões reais destacam que a atividade de inteligência foi fundamental para o êxito da missão, no Afeganistão, a caçada ao líder terrorista Osama Bin Laden teve sucesso devido aos esforços combinados de inteligência, pilotagem e de Forças Especiais, destacando que nenhum foi mais ou menos importante que outro.

A missão foi um esforço coletivo que incluiu os analistas de inteligência que encontraram Osama bin Laden, os pilotos de helicóptero que nos transportaram a Abbottabad e os homens que

tomaram de assalto o complexo onde ele se encontrava. Nenhum homem ou mulher foi mais importante que outro.

(OWEN, 2012)

No caso da missão Bin Laden, uma analista de inteligência não revezou com outros analistas, trabalhando na inteligência durante todo o período de procura ao terrorista, o que permitiu a toda a equipe que tivesse consciência situacional e que não esquecessem nenhum detalhe na busca. Um reforço à importância da atividade inteligência, ressaltando que um pequeno detalhe nessa função de combate pode ser a diferença entre o sucesso e o fracasso da missão.

(...)ela vinha trabalhando na missão Bin Laden nos cinco anos anteriores. Analistas faziam rodízio na missão, mas ela persistiu. Depois do telefonema de Al-Kuwaiti, trabalhara para montar o quebra-cabeça. Perdi a reunião de instrução conduzida por ela no primeiro dia, na qual Jen explicou como seguiram a pista até Abbottabad. Nas semanas transcorridas desde então, ela tinha sido a analista que procurávamos para esclarecer todas as questões de inteligência relacionadas ao nosso objetivo.

(OWEN, 2012)

2.7 A INTELIGÊNCIA MILITAR NA ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS

Organizações internacionais aprenderam na prática a dar valor às atividades de inteligência, a Organização das Nações Unidas (ONU) conduziu algumas missões de manutenção da paz sem uma atividade de inteligência forte, a ONU teve sua criação no ano de 1945, vivendo todo o período da Guerra Fria, que durou até 1990, e só começou a pensar em ter atividades de inteligência verdadeiramente operantes durante a Operação das Nações Unidas no Congo (ONUC) de 1960 até 1964. Na ocasião, os líderes locais se recusavam a aceitar uma estrutura de inteligência no país, mas devido a complicações na missão, após a ampliação do mandato da missão essa estrutura foi aprovada e se começou a ter trabalhos de inteligência trazendo informações para a devida tomada de decisões.

Durante a Guerra Fria (1945-1990), o perfil do desenvolvimento da atividade de inteligência nas operações de paz foi baixo, com exceção do caso da ONUC, que fez uso deliberado da atividade de inteligência. Já no imediato pós-Guerra Fria (1991-2000), os acontecimentos apresentados, a partir dos casos da UNOSOM, da

UNAMIR e da UNPROFOR, levariam a uma mudança de abordagem para a atividade de inteligência.

(CEPIK E CUELE, 2015)

Durante a Operação das Nações Unidas na Somália (UNOSOM I e II), entre os anos de 1992 a 1995, a atividade de inteligência foi novamente renegada a segundo plano, apesar de a UNOSOM II ter sido uma missão de *Peace Enforcement*, o que necessitaria de trabalhos intensos de inteligência. Essa missão teve o maior número de mortes de *peacekeepers*, boa parte devido a falha nas atividades de inteligência, tal fato abriu os olhos da ONU para a necessidade de se utilizar de Inteligência nas suas missões.

As operações na Somália são consideradas pela literatura uma das grandes falhas em operações de paz nos anos 1990, com um dos mais altos números de mortes de *peacekeepers*. Em virtude disso, a missão colocou em evidência a necessidade de a ONU ter sua própria estrutura de inteligência em campo e não depender da vontade de um país poderoso, como os EUA, para compartilhar informações.

(CEPIK E CUELE APUD ALLEN E MACEDA, 2015)

Em 1993, foi estabelecida a Observação das Nações Unidas Uganda-Ruanda (UNOMUR), também sem uma estrutura de inteligência que fosse minimamente eficiente, a ONU acabou deixando um genocídio acontecer bem debaixo dos seus olhos ao não confiar numa fonte humana. Mais uma vez, após o incidente, a ONU percebeu a necessidade de atividade de inteligência, trazendo especialistas na área para trabalharem na missão.

Havia, portanto, informações disponíveis da iminência do massacre. Porém, devido à falta de uma estrutura de inteligência em Ruanda capaz de conferir precisamente essas informações, o alerta passado para a sede em Nova York através do Force Commander, baseado em uma fonte clandestina, não foi (ou ao menos não pôde ser) crível. Do ponto de vista ético, a ONU não poderia de fato ter confiado em informações de apenas uma fonte humana. Contudo, se houvesse algum aparato de inteligência em Ruanda, tais informações poderiam ter sido verificadas em tempo hábil para agir, tentando evitar o genocídio. Aparentemente, a ONU percebeu tal falha e, quando retornou à Ruanda após o genocídio, levou um staff de cinco oficiais de inteligência, que fez amplo uso de fontes abertas.

(CEPIK E CUELE APUD CHARTERS, 2015)

2.8 O SISTEMA INTEGRADO DE MONITORAMENTO DE FRONTEIRAS

Felizmente, o Brasil vem entendendo a importância da atividade de inteligência, não somente em operações, mas também no que diz respeito ao monitoramento das fronteiras, em 2012 criou o Sistema Integrado de Monitoramento de Fronteira (SISFRON), com investimentos milionários em adestramento de militares, equipamentos de monitoramento e equipamentos de comunicação, esse sistema visa a ter um monitoramento das fronteiras mais eficiente e conseguir cobrir toda a extensão das nossas fronteiras.

O funcionamento do SISFRON é dado de tal modo que, o Subsistema de Sensoriamento possibilita as ações de observação, incluindo suporte às ações de vigilância, reconhecimento, monitoramento e a obtenção de dados. O Subsistema de Tecnologia da Informação e Comunicações é essencial para a execução da tomada de decisão, uma vez que, veicula as informações obtida, através de redes de comunicações de dados, voz e vídeo. O Subsistema de Apoio à Decisão auxilia na consolidação, armazenamento e processamento de dados e informações ligadas ao sensoriamento do SISFRON.

(DINIZ, COSTA, SANTIAGO, DIAS, PINTO, MENDONÇA, 2019)

Quando falamos de SISFRON, não podemos deixar de lado o Programa de Proteção Integrada de Fronteiras (PPIF), que prevê a integração e compartilhamento de informações entre Forças Armadas, Forças Auxiliares e ABIN, visando a proteção e segurança da Fronteira.

O PPIF é responsável pelo compartilhamento desses dados entre os demais órgãos de segurança pública, além de ter medidas para implementar projetos para o fortalecimento da presença da União nas fronteiras e, ainda, por promover a integração com o SISBIN – Sistema Brasileiro de Inteligência e, cooperação com os países fronteiriços. Tem como objetivo estratégico integrar e articular com países vizinhos as ações de segurança pública da União, de inteligência e de controle alfandegário e, ainda, das Forças Armadas.

(DINIZ, COSTA, SANTIAGO, DIAS, PINTO, MENDONÇA, 2019)

3.METODOLOGIA

Resumidamente este trabalho ira buscar a experiência teórica e prática no trabalho diário da tríade da fronteira, mas especificamente na parte do combate do PEF, com foco total nos processos. E na qualidade dos nossos sensores de inteligência. Por meio de revisão literária e troca de experiencias, esperamos atingir este objetivo.

3.1 OBJETO FORMAL DE ESTUDO

Para este estudo teremos como variável dependente o nível de detalhamento dos relatórios de patrulha, das patrulhas realizadas entre o ano de 2017 e 2022, na fronteira entre o Mato Grosso e a Bolívia. Como variável independente, teremos o nível de conhecimento das praças dos PEF, em questão de Inteligência Militar.

3.2 AMOSTRA

Nossa amostra será todos os PEF subordinado ao C Fronteira Jauru/66° BI Mtz, compreendendo ao 1° PEF-Corixa, 2° PEF-Fortuna, 3° PEF-Palmarito e 4° PEF-Guaporé. Estudando os relatórios de Patrulha emitidos nos últimos 5 anos, bem como fazendo questionários com os Cmt PEF e Cmt CEF nos anos em questão.

3.3 DELINEAMENTO DA PESQUISA

Este trabalho se fundamentará em formulários com comandantes de Pelotão de Fronteira dos anos de 2017, 2018, 2019, 2020 e 2021, do C Fronteira Jauru/66°BI Mtz. Também se baseará em questionário com antigos comandantes do Batalhão e da CEF, buscando chegar à conclusão com base na pesquisa exploratória.

3.4 PROCEDIMENTOS PARA REVISÃO DA LITERATURA

Este trabalho buscará artigos em idioma português, entre os anos de 2017 a 2021 em plataformas de pesquisa de trabalhos científicos como o ebconhecer.eb.mil.br, bdex.eb.mil.br, scielo.org, livros em idioma inglês, espanhol e português.

3.5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Buscando a comprovação do problema proposto, vamos percorrer um longo caminho de pesquisa, que se iniciará com a revisão de artigos, dissertações e livros que abordam o tema, mesmo que superficialmente. Uma vez que o nosso banco de dados terá argumento suficiente para uma boa consciência situacional, vamos seguir para a tabulação dos resultados colhidos por meio de formulário aos comandantes de PEF, atuais e antigos, do C Fron Jauru/66° BI Mtz, para retificar ou ratificar algumas pequenas conclusões. Faremos o fechamento do trabalho realizando questionário com especialistas na área de inteligência e que tiveram experiência no campo estratégico comandando o C Fron Jauru/66° BI Mtz.

Na busca desses dados serão incluídos na pesquisa ou relatórios e experiências vividas desde o ano de 2017, até o ano de 2021, excluindo-se os dados e experiências anteriores pelo fato dos PEF da unidade em questão ainda estarem apenas se consolidado estruturalmente. Serão excluídos os PEF da região do Mato Grosso do Sul por se encontrarem numa região com particularidades diferentes, pelo mesmo motivo serão excluídos os PEF da região norte do país.

3.6 INSTRUMENTOS

Visando conhecer melhor os procedimentos em vigor atualmente e a possível proposta de uma melhoria no esqueleto de preparo do soldado do PEF, vamos fazer uma pesquisa bibliográfica de trabalhos elaborados por escritores e pesquisadores da área.

Além disso será feito levantamentos com comandantes e especialistas, que dará uma conclusão mais precisa sobre o problema proposto.

Todos os formulários e questionários serão submetidos a um pré-teste, a ser realizado com 10 militares que tem experiência no comando de Pelotão Especial de Fronteira, para que seja feita a validação dos instrumentos.

3.7 ANÁLISE DOS DADOS

Tanto os formulários quanto os questionamentos serão importantes subsídios para que cheguemos a conclusão da importância do sensor de inteligência nas patrulhas na faixa de fronteira, a expertise dos tenentes comandantes de Pelotão de Fronteira orientará boa parte das conclusões que serão tomadas, além de serem uma importante base de dados para o questionamento prático direcionado aos comandantes de batalhão e especialistas da área de inteligência.

Uma vez feitos os formulários, os dados serão tabelados, de forma a auxiliar, quantitativamente, na interpretação dos resultados, estes que serão importantes, inclusive, no direcionamento e refinamento das questões a serem incluídas nos questionários distribuídos.

4. RESULTADOS

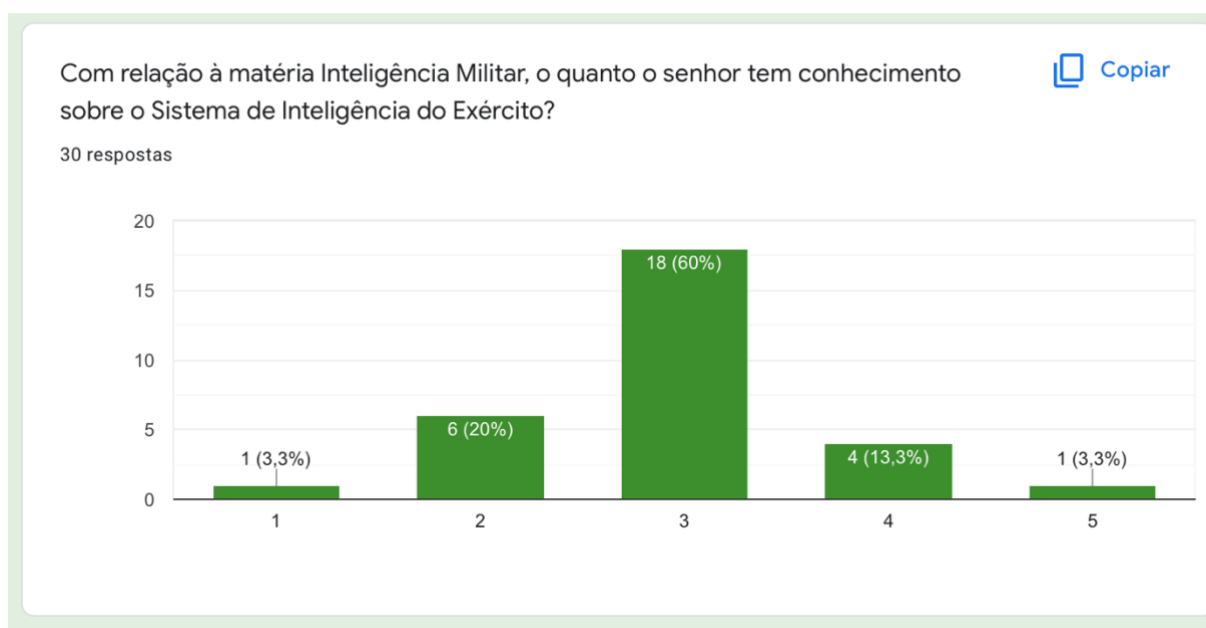
Durante a realização da pesquisa, foram feitos questionários com militares com experiência no comando de PEF e, conseqüentemente, na confecção de relatórios de patrulha de reconhecimento, devido à baixa quantidade de militares que comandaram PEF no Comando Militar do Oeste (CMO) ou que participaram de operações na região, devido a serem PEF mais recentes, a pesquisa foi aberta, também a oficiais que comandaram PEF no Comando Militar da Amazonia ou participaram de operações na região, pudemos inferir das 21 respostas o que se segue:

90,5% foram comandantes de PEF, enquanto 9,5% participaram de Operações ou patrulhas fora do contexto do Pelotão de Fronteira;

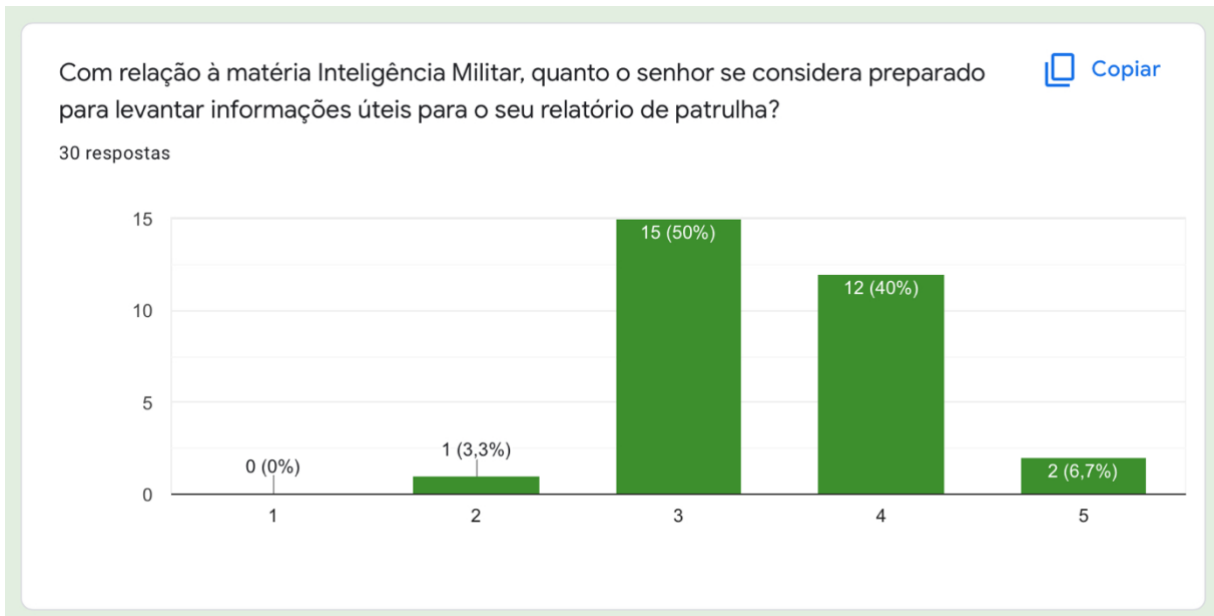
38,1% tiveram contato com essas operações no CMO, enquanto 61,9% dos militares tiveram contato no CMA;

Do universo dos oficiais que responderam a pesquisa, apenas 4,5% não participou de patrulhas de reconhecimento, mas confeccionaram relatórios;

Com relação ao conhecimento e preparo dos comandantes de PEF sobre o Sistema de Inteligência do Exército, segue o resultado de acordo com os quadros abaixo, nos quais o número 5 significa “muito conhecimento” e “muito preparado” e a nota 1 significa “pouco conhecimento” e “pouco preparado”, respectivamente:

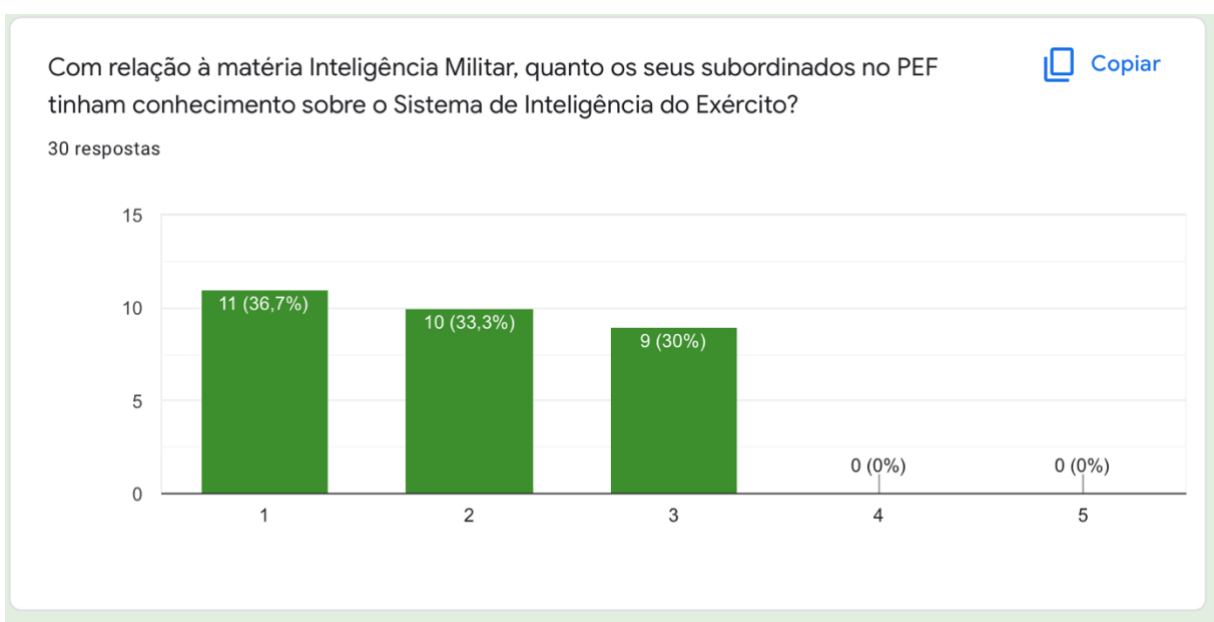


(Figura 2 – Questão conhecimento Cmt PEF em SIEx)

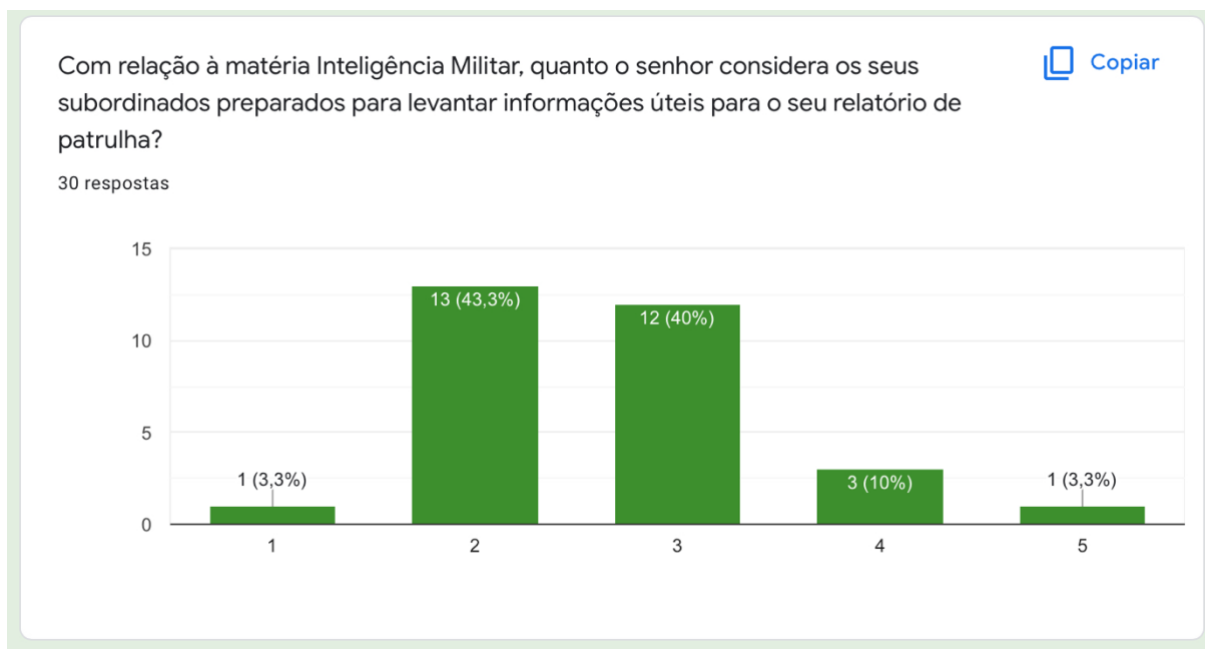


(Figura 3 – Questão preparo Cmt PEF em levantamento de dados)

Com essas duas primeiras perguntas podemos verificar que nem mesmo os próprios comandantes de PEF tinham grande conhecimento sobre o SIEx e não se sentiam plenamente preparados para levantar dados para seus relatórios de patrulha, conseqüentemente, não tinham plenas condições de passar esses conhecimentos e preparar seus subordinados, como poderemos verificar nas próximas perguntas:

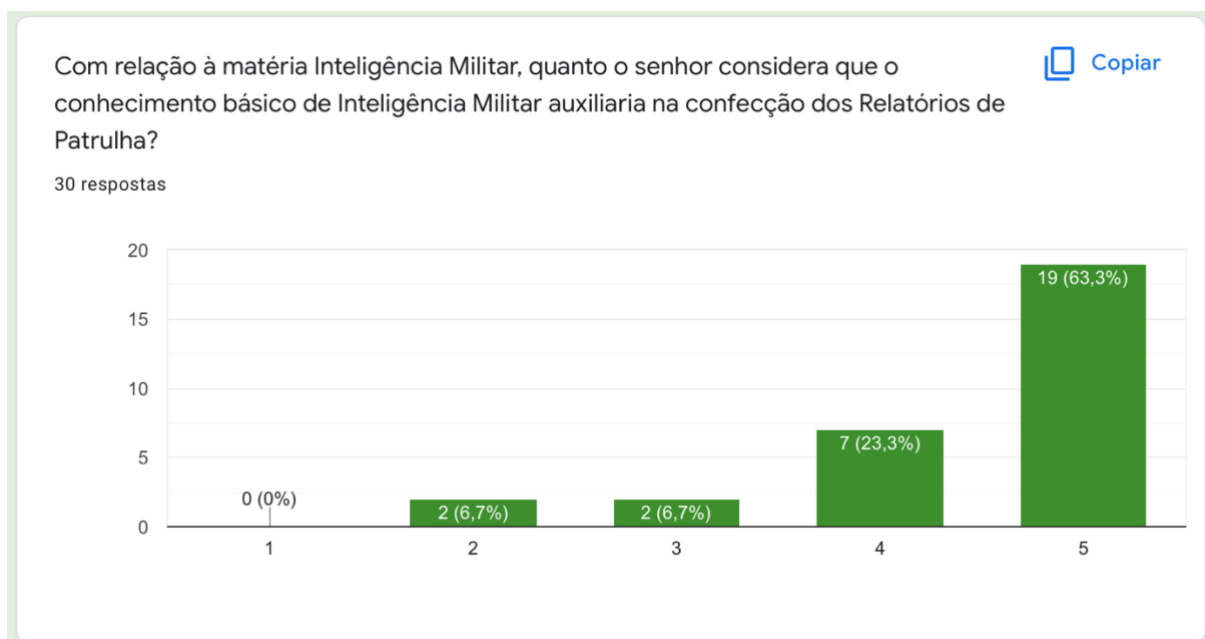


(Figura 4 – Questão conhecimento dos subordinados em SIEx)



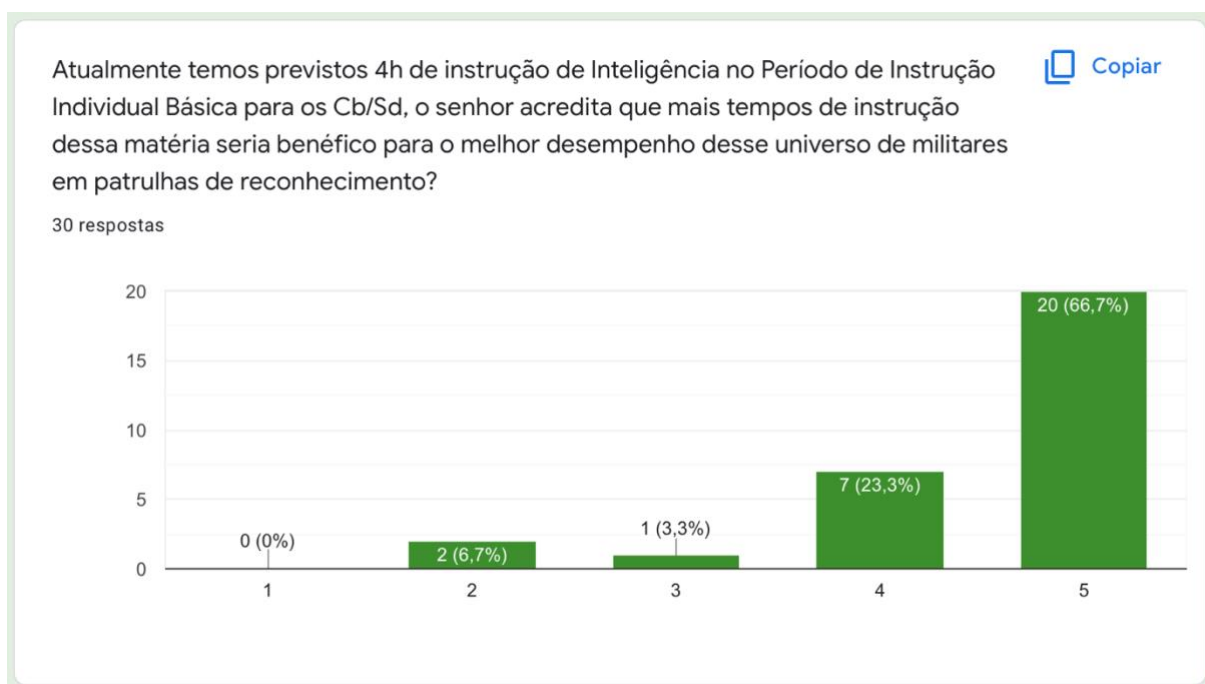
(Figura 5 – Questão conhecimento dos subordinados em levantamento de dados)

Podemos verificar que a maioria (46,6% entre notas 1 e 2) sentiram seus subordinados pouco preparados para o levantamento de dados úteis para seus relatórios de patrulha, e destaque para nenhuma resposta nota 4 ou 5 “muito conhecimento” sobre o SIEx. Foi perguntado, também o quanto esses comandantes acreditam que mais conhecimento sobre o SiEx seria benéfico para que seus subordinados os auxiliassem na confecção dos relatório, nota 1 significa “pouco relevante” e nota 5 significa “muito relevante”:



(Figura 6 – Questão influência da IM na confecção de relatórios)

Destaca-se a maioria absoluta (63,3%) respondendo que essa matéria seria muito relevante. Também foi questionado se esses comandantes acreditam que mais tempo de instrução para a matéria Inteligência Militar seria benéfico no desempenho dos seus subordinados em patrulhas de reconhecimento:



(Figura 7 – Questão influência das instruções de IM no desempenho)

Novamente com a maioria absoluta respondendo nota 5 “muito benéfico”, evidenciando a necessidade que os comandantes de PEF sentiram de terem militares

melhor preparados para o levantamento de dados e sentiram que haveria uma melhora significativa.

Dessa forma, podemos verificar que os comandantes de PEF sentem que seus subordinados não estão devidamente preparados e com o perfeito entendimento do SIEx e como podem contribuir mais durante a realização de patrulhas e confecção de relatórios, ao da mesma forma, sentem que, se esses militares tivessem mais conhecimento sobre o Sistema de Inteligência, poderiam auxiliar mais esses comandantes a produzirem relatórios mais completos, que, por sua vez, alimentaria melhor a rede de inteligência, entrando num ciclo em que um alimenta e prepara melhor o outro, os sensores de inteligência alimentam o Sistema, ao passo que esse orienta melhor e direciona de forma mais assertiva a atuação dos PEF.

Também foi possível aferir, a partir das fontes de consulta, a importância que a Inteligência teve e tem nos combates e na fiscalização de fronteira de outros países, tendo cada vez mais a atenção de órgãos e países protagonistas no cenário mundial, tais como os EUA e a ONU. Obviamente que importar o modelo norte americano já pode ser um norte interessante para que melhorem nossa fiscalização fronteiriça.

Aprendendo com estudo de caso brasileiro, podemos importar conhecimentos ratificados na MINUSTAH (Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti), missão que perdurou de 2004 até 2018, e na qual muito se experimentou a doutrina brasileira. Ressaltando o observado pelo Coronel Glauco Corbari Corrêa, em entrevista concedida ao Asp Marcos Alexandre polo, por ocasião do seu TCC da AMAN, na situação o Cel Corbari relatava sobre as patrulhas no contexto da MINUSTAH, missão essa que este teve suas oportunidades de participar, como integrante da célula do G9 (CIMIC) no BRABAT 23.

“Vale ressaltar que, no nível tático de uma missão dessa natureza, todos os militares são, lato sensu, agentes de inteligência. Isso significa dizer que todas as informações coletadas servirão para formar o mosaico (a “big picture”) da Célula de Inteligência, que permitirá assessoramento mais acertado e oportuno ao Comando do Batalhão, redundando em Operações (cinéticas ou não cinéticas) direcionadas para atingir os Objetivos, tanto do Batalhão quanto do Mandato da Missão. Nesse sentido, as Op Info são de grande valia, uma vez que integram e relacionam sistemas

de outras áreas, como CIMIC, Guerra Eletrônica, Op Psc, Op ESP, etc., além da inteligência, obviamente. Sendo assim, uma “simples” patrulhas de um GC ou Pelotão poderá fornecer dados/informações de importância para construção da visão geral do ambiente, influenciando nas decisões do Comando.”

(Polo, Marcos Alexandre, 2020)

Também com experiência da MINUSTAH, o Coronel Marcos André Benzecry, que esteve na função de Adj G2 no BRABAT 23, reforça o fato da tropa ser um importante vetor de inteligência, mas ressalta a necessidade de instrução e orientação.

“Na MINUSTAH éramos carentes de imagens e sinais, então buscou-se suprir tal lacuna com a vertente humana. Como os bons resultados tendem a vir da integração, jamais desconsiderar a capacidade de coleta da tropa, porém é preciso haver muita instrução e orientações específicas sobre os procedimentos. [...] todos os vetores são de suma importância. Nem sempre o dado que faltava virá da tropa mais especialização. Os dados coletados pela tropa foram fundamentais para ratificar ou retificar o conhecimento sobre a área de operações. Tais ações colaboraram sobremaneira para a manutenção de níveis adequados de consciência situacional aos comandantes em todos os níveis.”

(Polo, Marcos Alexandre, 2020)

No relato do Cel Benzecry é dado foco na necessidade de instrução e orientação aos militares que serão fonte de coleta de dados, o que ainda não recebe a devida importância durante o preparo dos militares para integrarem Pelotões de Fronteira.

Também colhemos como experiência e lição aprendida durante a missão no Haiti que os militares devem ter consciência que sua coleta de dados é importante

para o exército e para o Sistema de Inteligência do Exército, de modo que ele não subvalore essa capacidade ou tenha a visão errada de que sua coleta de dados não irá gerar resultado algum, e esse nível de consciência deve ser passada durante o preparo e, principalmente ao ver resultados.

“A consciência geral dos militares que participaram da MINUSTAH quanto à sua capacidade de contribuir para o Ciclo de Produção e Conhecimento de Inteligência e quanto à importância que essa Função de Combate possui para o êxito das missões potencializou o emprego da tropa na atividade de coleta de dados.”

(Polo, Marcos Alexandre, 2020)

5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Analisando as respostas do questionário proposto conseguimos concluir que, em relação ao conhecimento dos Comandantes de PEF, a maioria (60%) se consideram com um conhecimento mediano acerca do Sistema de Inteligência do Exército, ainda que 90% dos militares que responderam se consideram de mediano a algum preparo para levantamento de dados em seus relatórios de patrulha, podemos concluir que apesar de o SIEx estar presente na Instituição a algum tempo, os militares na ponta da linha, que são os principais sensores humanos, não tem a noção exata de como o Sistema funciona, ocasionando uma certa descrença na finalidade dos relatórios feitos, se houvesse maior divulgação dos trabalhos feitos e maior mostra de resultados, certamente os militares estariam mais confiantes do Sistema e na Força, se traduzindo em comandantes mais motivados e crentes no seu trabalho na faixa de fronteira.

Enquanto, no âmbito dos comandantes, vemos um certo grau de otimismo em suas capacidades, vemos um certo pessimismo com relação aos seus comandados, uma vez que vemos que 0% dos comandantes de PEF responderam que seus subordinados tinham algum ou muito conhecimento sobre o SIEx, e 13% responderam que seus subordinados tem algum ou muito preparo para o levantamento de dados para os relatórios de patrulha. Vemos que no universo, principalmente, dos cabos e soldados, o preparo acerca da matéria de Inteligência Militar está bem aquém do necessário para que os trabalhos feitos na fronteira realmente possam surtir efeitos e auxiliar no Ciclo de Inteligência. A história da ONU nos mostra que devemos, urgentemente, dar mais atenção a essa matéria, senão estaremos sob risco de sofrermos graves falhas na missão de proteger nossa fronteira oeste, correndo o risco de nos aproximarmos do que aconteceu na UNOSOM II, com níveis elevados de mortes de militares nossos, principalmente devido a falhas na atividade de inteligência.

Podemos confirmar, também, que os comandantes de PEF sentiram necessidade de maior conhecimento de inteligência por parte de seus subordinados, com 63,3% dos comandantes respondendo que o conhecimento básico de Inteligência Militar auxiliaria muito na confecção dos relatórios, e 66,7% dos comandantes respondendo que mais tempo de instrução sobre a matéria Inteligência Militar durante

o Período de Instrução Básica, ou até mesmo durante a Capacitação Técnica e Tática do Efetivo Profissional (CTTEP) seria benéfico para o desempenho dos militares na faixa de fronteira. Fazendo uma ligação com o futuro da faixa de fronteira com a implementação do SISFRON, podemos inferir que os equipamentos por si só não trarão resultados satisfatórios, necessitamos de material humano capaz de bem empregar esses equipamentos e, principalmente, saber buscar os dados, seja a partir dos equipamentos do SISFRON, seja a partir de suas próprias observações.

6. CONCLUSÃO

Em virtude do exposto, concluímos sobre a importância da Função de Combate Inteligência, que por diversas vezes foi fator determinante sobre o sucesso ou fracasso de uma missão, e pudemos verificar que temos falha nessa função de combate na faixa de fronteira oeste, sendo fundamental que haja mais tempo de instrução voltada à atividade de inteligência, para que possamos melhor preparar os quadros e oficiais no levantamento de dados. Em face do exposto, propomos um extrato do Programa Padrão, com a sugestão de que seja adicionado matéria Inteligência Militar, com instruções voltadas ao levantamento de dados e formação de sensores de inteligência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Exército Brasileiro. **EB20-MC-10.207: Inteligência**. Brasília, 2015.

BRASIL. Exército Brasileiro. **EB10-MC-10.107: Inteligência Militar Terrestre**. Brasília, 2015.

BRASIL. Exército Brasileiro. **EB70-MC-10.307: Planejamento e Emprego da Inteligência Militar**. Brasília, 2016.

DE MORAES, Carlos Henrique Arantes. **A Importância dos Pelotões Especiais de Fronteira na Região Amazônica Brasileira**. Revista Agulhas Negras, Resende, Vol. 5, Nº. 6, p. 101-112, Ano 2021

DE SOUZA, Raphael Cavalieri Nardi. **A Atuação dos Pelotões Especiais de Fronteira no ramo de Inteligência Militar**. Revista Exército Brasileiro, Brasília, 2019.

UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIMES. **World Drug Report**. Viena, 2021.

MARTINS, JARDSON PATRICIO FERREIRA. **O compartilhamento de informações entre o 2º Batalhão de Fronteira e a Polícia Militar do Estado do Mato Grosso para o combate a ilícitos transnacionais em operações na fronteira oeste do país**. Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, Rio de Janeiro, 2019

CHAMBERS, STANTON L. **Force Multiplier: The Military's Future Role in U.S. Border Protection**. US. Army War College, Pennsylvania. 2013.

LEGISLATIVE ATTORNEY. **Securing America's Borders: The Role of the Military**. Congressional Research Service, EUA. 2013.

HEADQUARTERS, DEPARTMENT OF THE ARMY. **ADP 2-0 INTELLIGENCE**. Washington, 2019.

OWEN, MARK. **Não há dia fácil**. Editora Schwarcz, São Paulo. 2012.

CEPIK, MARÇO AURÉLIO CHAVES; KUELE, GIOVANNA MARQUES. **Inteligência em Operações de Paz da ONU (145 – 2000)**

DINIZ, EUGÊNIO; DA COSTA, ISABELA SIMÕES MARTINS; SANTIAGO, MARCELLO; DIAS; MARINA PEIXOTO; PINTO, SABRINA SANTOS; MENDONÇA, VICTOR BRAGA DE ANDRADE. **SISFRON: um sistema de defesa nacional e regional**. PUC Minas, Minas Gerais. 2019.

CIGOLINI, ADILAR ANTÔNIO. **Ocupação do Território Brasileiro e a Criação de Municípios no Período Imperial Brasileiro**. Mercator, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

BENITES MANAUT, RAUL; RODRIGUES ULLOA, CARLOS. **Seguridad y Fronteras de Norte-americano, del TLCAN a la ASPAN**. El Colegio de la Frontera Norte, Tijuana, México, 2006.

GOMES CUNHA, AUGUSTO. **Comissão de limites entre Brasil e a Bolívia – Re-exploração do rio Javary**. Typhografia Leuzinger, Rio de Janeiro, 1899.

ALEXANDRE POLO, MARCOS. **A tropa como vetor de inteligência nas Operações de Paz**. AMAN, 2020.